

LEMOS, Gustavo. *Minas da Terra: família, produção da riqueza e dinâmica do espaço em zona de fronteira agrícola. Minas Gerais, 1800-1856*. São Paulo: Annablume, 2014. 163p.

Mateus Rezende de ANDRADE<sup>1</sup>

“...é uma fazenda que está na minha família há 150 anos”: herança patrimonial e mercado de terras na formação da ruralidade em Minas Gerais<sup>1</sup>

Lembro que este livro cheirava a novo quando ouvi a frase que intitula esta resenha. Ainda que toda boa história tenha seus questionamentos do tempo presente, ao adquirir um livro e iniciar sua leitura, não esperamos repentina percepção da contemporaneidade do seu tema. Falo repentina, pois, um pequeno intervalo de tempo separa o primeiro contato com a obra – alguns dias após seu lançamento no XIX Encontro Regional de História da ANPUH/MG, ocorrido em finais de Julho de 2014 – e a supracitada frase – proferida pelo senador Aécio Neves, então candidato a presidência da República, em entrevista ao *Jornal Nacional*<sup>2</sup> no dia 11 de agosto do mesmo ano.

Enunciada num contexto de defesa de acusações sobre a construção de um aeroporto dentro das terras de propriedade da sua família, o candidato afirma que se erigiu uma grande agitação discursiva ao entorno deste caso, quando na verdade, trata-se uma pequena propriedade da família, algo como uma casa de veraneio de gerações. Confesso que a partir desse momento, o andamento da entrevista seguiu rumo desconhecido para mim, tamanho foi o espanto com a naturalidade que o senador disse “é uma fazenda que está na minha família há 150 anos”. Certamente não conhece a tenebrosa história da estrutura fundiária brasileira, a qual, marcada por disputas pelo uso da terra e grande acumulação na mão de poucos, não deveria permitir a naturalização da concentração de terras.

Não convoco uma discussão sobre a família Neves ser ou não dona de grandes extensões de terra, todavia, estímulo a leitura de uma obra que dissemina atualidade. Atualidade expressa no discurso posto em prática pelo entrevistado, o qual, ao legitimar sua propriedade, remeteu-se a uma temporalidade histórica em que Minas Gerais, era uma *Minas da Terra*, de onde emanava a voz de uma “sociedade dominada pela economia agrícola e pecuária. Era a voz da Minas rural, conservadora, ordeira, equilibrada, familística...”<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista CAPES.

Bem colocado na viela entre a micro e a macro história, o autor analisa efêmeros enredos familiares, histórias de pessoas que lidando com a incerteza tramaram importantes ajustes sucessórios para concentração da riqueza e manutenção de propriedades indivisas, nos incitando a ponderar as relações entre o homem e a terra, reaproximando história e geografia, traço marcante da interdisciplinaridade que guiou sua pesquisa. Zeloso em sua escrita nos convida a refletir sobre esta *Minas da Terra*, oferecendo uma obra instigante sobre um tempo que outrora esteve adormecido, ofuscado pelo áureo minério, contudo, sem nunca deixar de carregar em si a “inversão do setor predominante na economia mineira: das minas para a terra e para o emergente setor industrial” (LEMOS, 2014, p.34).

Muito aplicado metodologicamente, a narrativa tem o fio condutor das tramas sóciofamiliares dos produtores de cana-de-açúcar numa região de fronteira agrícola do núcleo minerador. Entretanto, criativamente valendo-se de variada e rica documentação, demonstra a diversificação dos gêneros alimentícios produzidos numa mesma propriedade, criticando autores que declaradamente acreditam na decadência da economia após o auge minerador.

Outro traço distintivo da obra é a prudência teórica da sua escrita. Cada um dos três capítulos é aberto com uma breve discussão ensaística que contribui com a fluidez da leitura e entendimento dos caminhos de pesquisa, uma estratégia muito profícua que aproxima o leitor da leitura.

O primeiro capítulo *Percursos por um mar de morros: discussões bibliográficas e referenciasais teórico-metodológicos*, ainda que se enquadre nos padrões do quase em desuso capítulo introdutório onde os autores lançam mão de vasta bibliografia de referência e pouca documentação, é um elemento fundamental para se tirar bom proveito da obra de Gusthavo Lemos. É nesta parte do texto que ele apresenta um conceito chave que conduziu sua interpretação e entendimento das fontes pesquisadas, a saber, *lógica familística*. Segundo o autor, esta noção permite transcender a por ele chamada *hiper-racionalidade* do sujeito histórico, a qual, operando um conceito onde a estratégia é a aplicação eficaz de recursos com o objetivo de atingir metas, não se atentou a armadilha do “apagamento da imprevisibilidade e das ações individuais e/ou grupais calcadas em movimentos estruturais; a desconsideração da força do contexto social e dos processos históricos nas ações inconscientes e nas escolhas dos indivíduos” (LEMOS, 2014, p.46).

Ao falar numa *lógica familística*, o autor denota a família a unidade básica predominante de organização social de um espaço eminentemente agrícola. Desse modo, “a

estabilidade socioeconômica da comunidade territorial era parcialmente determinada pelo sucesso da empresa familiar e pelo sucesso de suas trocas intergeracionais de fortuna e de outros capitais culturais” (LEMOS, 2014, p.43). Por fim, para Lemos, a família condensa a reprodução social e física no mundo rural.

Uma leitura atenta a todos os postulados teóricos do autor é crucial para um bom entendimento dos capítulos subsequentes. No segundo capítulo, *A dinâmica dos Homens: família e transmissão Patrimonial na Guarapiranga canavieira*, discorrendo sobre práticas sucessórias e as estratégias de manutenção do patrimônio familiar, estabelece um valioso debate com tendências interpretativas da historiografia portuguesa que mostra a *casa*<sup>4</sup> como a unidade básica da reprodução social.

Segundo o autor, diferente de Portugal, onde, além da baixa disponibilidade de terras e alta densidade demográfica, o regime de propriedade era regulamentado por um estatuto jurídico específico que impunha uma série de empecilhos à transmissão fundiária, no Brasil, a inexistência destes empecilhos e a vasta disponibilidade de solo agricultável conformou uma conjuntura de baixa densidade demográfica. Possibilitando, assim, a expansão de unidades produtivas e, conseqüentemente, modificando a organização da reprodução familiar, que agora tinha na migração um mecanismo de desagregação da família ao entorno de uma única propriedade, possibilitando aos filhos de senhores o início de um novo empreendimento familiar. Desse modo,

o casal, devidamente consumado pela consagração da união legítima face à Igreja Católica, era o símbolo da formação de uma nova empresa familiar, sob a qual se encerrava as funções básicas da vida agrícola: trabalho, lazer e reprodução social (LEMOS, 2014, p.64).

Para Gustavo Lemos, na organização rural instituída ao longo do século XIX no Brasil, rompe-se com uma forma de interação com a terra não mais herdeira dos costumes portugueses, mas, genuinamente brasileira, familística em sua essência. As implicações desta lógica na transformação da paisagem rural são debatidas no terceiro capítulo, *A dinâmica da terra: mercado de terras, estrutura fundiária e paisagem agrícola em Guarapiranga*, que tem como núcleo de análise o incipiente mercado imobiliário, o qual se configurou pessoal e imperfeito, repleto de mecanismos familiares que continham a concorrência pelo uso da terra suprindo materialmente um herdeiro desfavorecido.

Concluindo, o leitor que se depara com a *Minas da Terra*, encontra rico material e primorosas análises a quem se questiona sobre as origens da elite agrária brasileira e seu *modus operandi* que lhe traz até os nossos dias. Meu desejo é que a história e a geografia humana, tão bem conjugadas nesta obra torne incômoda a naturalização do discurso de pertencimento do homem a terra.

---

<sup>1</sup> Senador Aécio Neves. Entrevista ao Jornal Nacional. Rede Globo. 11 de agosto de 2014.

<sup>2</sup> Telejornal exibido em horário nobre na maior emissora de televisão aberta do Brasil.

<sup>3</sup> CARVALHO, José Murilo. “Ouro, Terra e Ferro: vozes de Minas”. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Minas e o Fundamento do Brasil Moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p.56.

<sup>4</sup> A casa, segundo informa João Pina-Cabral, era o espaço de habitação e vivência dos seus membros, envolvia a terra, as edificações, os animais e as pessoas. Unificava ao seu redor, a produção e o consumo, o que tornava inseparáveis a esfera econômica e familiar. Ver PINA-CABRAL, João de. *Sons of Adam, Daughters of Eve: the peasant worldview of the Alto Minho*. Oxford: Clarendon Press, 1986, p.38.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Murilo. “Ouro, Terra e Ferro: vozes de Minas”. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Minas e o Fundamento do Brasil Moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

LEMOS, Gusthavo. *Minas da Terra: família, produção da riqueza e dinâmica do espaço em zona de fronteira agrícola*. Minas Gerais, 1800-1856. São Paulo: Annablume, 2014.

PINA-CABRAL, João de. *Sons of Adam, Daughters of Eve: the peasant worldview of the Alto Minho*. Oxford: Clarendon Press, 1986.